

ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE - ALAC

Prof.^a Dr.^a Luísa Galvão Lessa Karlberg
Presidente da Academia Acreana de Letras
Pesquisadora CNPq, Campus Floresta - UFAC

S I N O P S E

Estudo dialectológico no Estado do Acre e constituição do primeiro atlas linguístico da região, com 220 Cartas Léxicas a apontar fronteiras léxicas nas três Áreas de Pesquisa que recobrem o Acre, em nove Zonas e dezoito Pontos de Inquérito, propiciando a descrição da variável diatópica nas localidades pesquisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia Social. Geolinguística. Linguagem

S Y N O P S I S

Dialectological study in the State of Acre and constitution of the first linguistic atlas of the region, with 220 Lexical Letters to indicate lexical borders in the three Research Areas that cover Acre, in nine Zones and eighteen Points of Inquiry, providing a description of the diatopic variable in the localities researched.

KEYWORDS: Social Dialectology. Geolinguistics. Language

1 - INTRODUÇÃO

Este Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC¹ é fruto de um sonho acalentado no Curso de Doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, precisamente no ano de 1988, a partir das idéias do Prof. Dr. Celso Ferreira da Cunha. Ganhou estímulo e vitalidade com o auxílio da Prof.^a Dra.

1- Atlas Linguístico é um conjunto de mapas onde se registram traços fonéticos, lexicais e/ou morfosintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Aqui, os traços evidenciados são os lexicais, no espaço geográfico do Estado do Acre. A construção de um atlas linguístico exige muitas outras providências, obviamente, mesmo pensando em um atlas de pequeno domínio, com apenas um entrevistador. O pesquisador não passará à coleta de dados sem munir-se, previamente, das ferramentas de pesquisa que possibilitem o máximo de aproveitamento dos dados, coletados nas localidades e estudos sobre a região, em especialmente, no processo de realização das entrevistas simples e de elite, para compilar dados fidedignos e alcançar análises competentes.

Cilene da Cunha Pereira, orientadora da Tese de Doutorado “Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência”, em quatro volumes, no ano de 1992, tempo em que se coletou volumoso banco de dados orais. Dali em diante a tarefa de elaboração do Atlas Etnolinguístico do Acre passou a ser uma proposta real.

No decorrer dos anos, 1993-2015, esse acervo foi consideravelmente ampliado, alcançando 4.025 horas de gravações, seguindo uma Rede de Pontos de Pesquisa traçada pelo modelo de questionário elaborado por Maria do Socorro Aragão, para a confecção do Atlas Linguístico da Paraíba. Também foi fundamental entender como se construíram os atlas linguísticos já existentes no Brasil, incluindo a proposta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Nela Cardoso (2009) mostrava alguns estudos anteriores ao então ALiB que, de alguma forma, estavam ligados aos ramos de pesquisa referentes aos estudos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística ou Geolinguística².

Foi com Suzana Alice Cardoso que nasceu o ALiB. E, na esteira dele, vieram muitos outros atlas regionais, com traços análogos e estilos individuais. Observa-se, então, nesse cenário, não haver um padrão uniforme de construção de atlas linguístico, porquanto cada pesquisador tem um modo singular de produção. Mas, de modo geral, cada atlas carrega, consigo, um pedaço do falar brasileiro e, portanto, um pouco da alma da população do país, na linguagem, nos costumes, tradições e cultura.

A importância dos atlas linguísticos para o estudo da variação linguística é grande, pois podem ser utilizados pelo público especializado da Linguística e de áreas afins. Podem auxiliar os dialetólogos na definição de áreas dialetais ou de falares; oferecer subsídios para os pedagogos aprimorarem seus materiais didáticos, levando em consideração as diversas realidades linguísticas de uma comunidade. Podem, também, auxiliar os lexicógrafos na produção de dicionários, principalmente no acréscimo ou na validação de algum termo de uso regional.

E, na elaboração de um atlas linguístico, não se pode deixar de mencionar o caráter didático que eles possuem, fazendo com que usuários não especializados os leiam por curiosidade ou deleite. Atualmente, existem atlas dos mais variados tipos, relativos à extensão territorial – de pequenas cidades a atlas continentais e de família de línguas. Há, ainda, atlas que contemplam, 2- Geolinguística, segundo Coseriu (1987, p. 79), “designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados”.

apenas, um aspecto da linguagem, como o fonético ou o lexical. Por outra parte, há aqueles que congregam muitos níveis, como o fonético, lexical, morfossintático, dentre outros. Há, também, atlas impressos e eletrônicos, em formato de e-book como aqui se faz. <http://www.ufac.br/editora/livros-digitais>.

Uma pesquisa dialetal, da natureza desta, por mais bem planejada que seja, apresenta, sempre, na sua realização, inúmeras surpresas decorrentes da riqueza do relato de vida de cada informante. Essas surpresas, especialmente no campo lexical, no que se refere às denominações do universo vivencial das pessoas, longe de invalidarem o projeto inicial, enriquecem-no com as novas visões e perspectivas de leitura das experiências de vida contadas. A surpresa maior desta pesquisa, a título de ilustração, foi observar, no seu *corpus*, numerosos traços conservadores da língua portuguesa da primeira metade do século XVI, como as formas “entonces”; “u’a”; “siñora”; “cousa”; dentre outros usos. Esse conservantismo, detectado no português popular acreano, corrobora com o que diz Fernão de Oliveira³, na sua gramática de 1536, ao dividir as lições em: a) nossas - alheias - comuns; b) apartadas - juntas; c) velhas - novas - usadas; d) próprias - mudadas; e) primeiras - tiradas.

2 – MATERIAIS E MÉTODOS

O banco de dados foi coletado seguindo a vitalidade do método cartográfico de Gilliéron⁴, ao entender que “o segredo da língua está encerrado no falar”. Utilizou-se, na recolha, dois modelos de questionários: um Geral (QSL) e outro Específico (QFF). O primeiro, voltado para o ser humano e o meio físico social, história de vida, com 1265 perguntas; o segundo, constituído por 1.235 perguntas, englobando três grandes Campos Semânticos: A - NATUREZA - com duzentas e oitenta perguntas; B – HOMEM - com duzentas e cinquenta e oito perguntas; C – TRABALHO – com duzentas e noventa e sete perguntas.

Para a recolha dos dados, o Estado do Acre foi dividido em três Áreas, 9 Zonas de Pesquisa e 18 Pontos de Inquérito. Em cada Ponto, na primeira fase, tomaram-se 6 informantes, em três faixas etárias, sexo masculino e feminino, analfabetos, totalizando 1.225 horas de gravação. Anos mais tarde,

3- Fernão de Oliveira. In Infopédia. Porto: Porto Editora: 2003-2012. [http://www.infopedia.pt/\\$fernao-de-oliveira](http://www.infopedia.pt/$fernao-de-oliveira).

4- Jules Gilliéron, autor do Atlas Linguístico da França. Ele Atlas Linguístico da França. Ele consolidou a ciência Dialectologia como nova linha de investigação e solidificou o estudo da variação, no caso, tomando como contexto um espaço geográfico e buscando elucidar a relação entre língua e meio social.

esse *corpus* foi bastante ampliado, aplicado a informantes alfabetizados, nível médio e superior, no intuito de se alcançar os variados níveis de escolaridade e neles olhar a linguagem, nos aspectos léxicos, fonéticos, semânticos e morfossintáticos. Para tanto, voltou-se a utilizar o Questionário Fonético Fonológico (QFF), bem como o Questionário Semântico Lexical (QSL) e a pesquisa alcançou 4.025 horas de gravação. Os questionários, como se disse acima, seguiram o modelo do trabalho de Maria do Socorro Aragão no Atlas Linguístico de Paraíba, com pequenas adequações.

Para o desenvolvimento da pesquisa, modo geral, foram observados os pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Linguística ou Geolinguística e da Sociolinguística. Ressalte-se, todavia, como afirmam Ferreira e Cardoso (1994), a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método utilizado pela Dialetoлогия e não é uma ciência. E esse método é ajustado aos meios que dispõe o pesquisador no desenvolvimento de tão importante empreitada, segundo as especificidades da região estudada, bem como os recursos tecnológicos que dispõe para cruzamento e análise dos dados. São muitas informações e variáveis que não comportam serem mensuradas manualmente. É importante o uso de softwares capazes de atender as especificidades dos fenômenos linguísticos.

Os mapas do ALAC, muito embora sigam modelos brasileiros, também se assemelham aos estudos do Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI⁵, tais como aqueles de Cartas Léxicas, em Portugal. Esses mapas recobrem uma rede de localidade – aqui são três Áreas, nove Zonas de Pesquisa e dezoito Pontos de Inquérito – onde se fazem incursões léxicas, no caso de «sentidos» ou «significados», representados por um grande número de vocábulos. Nesse fazer, considerando a grandeza dos dados, não é impossível que se deixe escapar, entre as suas malhas, alguns itens vocabulares que certamente irão figurar numa próxima etapa.

E para que essa tarefa de confecção do Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC não ficasse tão distanciada dos demais trabalhos brasileiros, buscou-se um software da Cartografia denominado ArcGIS, que foi utilizado numa fase do ALiB. Trata-se de um programa de Geoprocessamento, que abarca, em sua lógica, princípios computacionais, matemáticos e geográficos, no intuito de propiciar a análise, o manuseio e a geração de projetos na Área da Cartografia, entre outras finalidades. O termo Geoprocessamento é aqui utilizado como sendo um campo de atuação dentro da Geografia, que relaciona software (programa), hardware (aparatos físicos computacionais) e peopeware

5- Atlas Linguístico de la Península Ibérica (ALPI) es un proyecto de Atlas lingüístico concebido en 1914 por Ramón Menéndez Pidal.

(profissionais capacitados para o exercício da função), no objetivo de aprimorar a Cartografia como um todo e atender ao advento do Sensoriamento Remoto (campo de estudo responsável pelo imageamento de satélite e sua consequente utilização dos produtos aí gerados).

O ArcGIS é um sistema de informações geográficas (SIG), que trabalha e/ou assimila, em suas funcionalidades, tanto dados espaciais (os mapas, cartas e plantas propriamente ditos) quanto os dados alfanuméricos (os atributos do banco de dados do programa utilizados para a construção cartográfica). Assim, há o cruzamento e interligação desses dois tipos de dados, o que proporciona a espacialização de pontos, linhas e polígonos, ou seja, o georreferenciamento das três matrizes básicas utilizadas em qualquer mapeamento temático. No caso, utiliza-se o ArcGIS para demarcar, por meio de mapas cartográficos, as fronteiras dialetais no Estado do Acre, nas Áreas de Pesquisa do Vale do Juruá, Vale do Purus, Vale do Acre, apontando, inicialmente, fronteiras léxicas entre as Áreas de Pesquisa (VA, VP, VJ).

Utilizou-se, também o Pacote UTIL, da UFRJ. Ele possibilitou organizar os itens lexicais, por forma e frequência, a partir dos dados digitalizados em Computador. Por meio dele foi possível, por exemplo, localizar, nos inquéritos, os itens lexicais desejados e, ainda, contar quantas vezes essas palavras aparecem em determinado inquérito, ou seja, a frequência de uso das palavras por cada informante. Esse Pacote UTIL auxiliou, sobremaneira, para marcar e sistematizar os itens lexicais por Área de Pesquisa. Igualmente, será utilizado, oportunamente, para demarcar as variáveis linguísticas e extralinguísticas nos *corpora* ALAC, quando da feitura das Cartas Fonéticas.

A confecção das Cartas Léxicas que compõem o Atlas, num total de 220, aqui postas somente 4, por amostragem, resultam da catalogação das palavras utilizadas, pelos informantes acreanos⁶, no espaço geográfico do Estado do Acre, dividido em três grandes regiões: Vale do Juruá (VJ), Vale do Purus (VP), Vale do Acre (VA). Olham-se a unidade e a diversidade linguística entre essas três regionais, seguindo as respostas obtidas por meio de Questionários.

6- O Governo do Acre, após consulta pública, sancionou a lei N° 3.148 que institui o termo “acreano” com “e” como o gentílico oficial do Estado. O texto foi publicado na edição do dia 28/07/2016, no Diário Oficial do Estado (DOE).

Gráfico 1 – Rede de Áreas e Zonas de Pesquisa do ALAC neste Volume de Cartas Lexicais.



3 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Há bastante tempo o léxico das línguas vêm sendo estudados sob variadas perspectivas. Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo histórico desse léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outra parte, existem aqueles estudos que, por meio de pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, também, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores, com base, por exemplo, nas correspondências trocadas entre familiares, amigos etc.

Em verdade, o ato de nomear constitui, em si só, uma apropriação da cultura. Muitos são os exemplos que se poderia arrolar sobre a nomeação como ato de apropriação pela linguagem, mas dois são evidentes. Em Gênesis, a criação do mundo faz-se pela palavra, pela nomeação de cada uma das partes criadas para a constituição desse mundo. Outro exemplo revelador é o da aquisição da linguagem pelas crianças. A necessidade da comunicação, associada à limitada dominação da língua, determina escolhas, relegando a um segundo momento a aquisição e o domínio de estruturas complexas e centrando o esforço de comunicação na nomeação do mundo que as cerca. Posteriormente, as escolhas lexicais serão reveladoras dos valores que cultuam, das influências sofridas, da história pessoal e coletiva.

Colocadas estas preliminares, considera-se relevante que um estudo da dimensão lexical tem, ainda, por objetivo a elaboração de dicionários de língua geral, estudo que contribuiu para a instituição de disciplinas como a Lexicologia e a Lexicografia, que são responsáveis por estudos de dimensão lexical, tais como à elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos que proporcionaram o desenvolvimento de disciplinas como a Terminologia e a Socioterminologia.

Depreende-se, então, que dessa evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico, a Dialetoлогия e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas ocorridas numa dada língua, em qualquer parte do planeta. Por isso, certamente, essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais.

Ademais, sendo as palavras os elementos mais importantes de uma língua, o estudo do léxico tem caracterizado os estudos em Dialetoлогия que sempre demonstraram a urgência que há no registro da diversidade lexical do

português, como afirma Couto (2009, p. 146):

Ao lamentar o desaparecimento dos dialetos rurais, não estou propugnando por um iletramento, um não-acesso ao DE [dialeto estatal]. Pelo contrário, estou lamentando a perda de todo um conhecimento que se vai com o desaparecimento de uma variante do português. Isso porque, quando uma palavra desaparece, o fato se dá porque a coisa designada por esta também desapareceu ou, pelo menos, o conhecimento que a comunidade tinha da coisa, como sabiam os membros da escola dialetológica *Wörter und Sachen* (palavras e coisas). O que estou defendendo é a variedade, a diversidade de dialetos, inclusive o dialeto estatal. Como nos ensina a natureza, diversidade representa riqueza, no caso riqueza de meios expressivos, o que não é algo ruim que deve ser extirpado, como querem os normativistas para as variedades não padrão, não estatais.

O projeto ALiB corrobora toda uma história de estudos dialetológicos voltados para o registro, entre outros, da variação lexical. Trata-se de um marco divisório entre estudos dialetológicos voltados para metodologias que focalizavam o espaço rural e estudos voltados para o contínuo rural-urbano em razão das mudanças sociopolíticas e econômicas. Os estudos do léxico têm se beneficiado desse passo importante na história da dialetologia brasileira.

Avalia-se que a preocupação com o conhecimento das variedades regionais de uma determinada língua natural data de longo tempo. Todavia, foi somente com a instituição da disciplina de Dialetologia no currículo regular da *École Pratique des Hautes Études* de Paris e do surgimento do Atlas Linguístico da França, expondo a realidade dialetal do país, que foram fixadas às bases da Geolinguística como método essencial para a pesquisa dos dialetos de uma língua.

A Dialetologia, seja assinalando para uma perspectiva pluridimensional, seja mantendo-se fiel ao preconizado pelos dialetólogos tradicionais, foi, no correr do tempo, ganhando espaço no âmbito das pesquisas sobre os falares regionais, os dialetos, ora recebendo severas críticas (sobretudo quanto ao número e ao perfil dos informantes selecionados para a coleta de dados) de linguistas estruturalistas e em especial dos sociolinguistas que implantaram uma metodologia calcada em variáveis sociais que interferem no uso da língua. Todavia, a despeito disso, a Dialetologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina

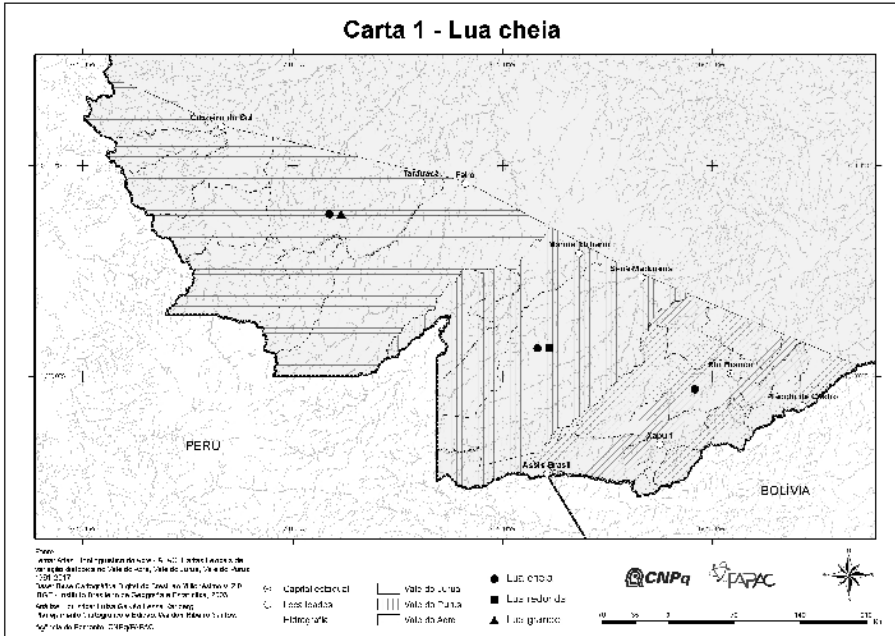
que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados (CARDOSO, 2002, p.1).

4 - CARTAS LÉXICAS

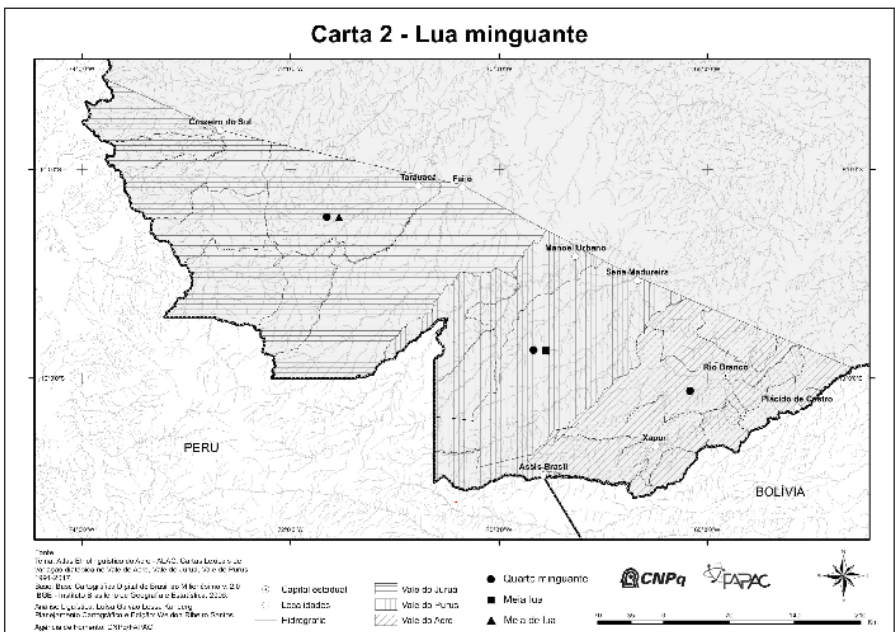
As 220 Cartas Lexicais que compõem o Vol. I do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC abraçam três grandes campos semânticos: NATUREZA, HOMEM, TRABALHO. Recobrem três áreas de pesquisa: Vale do Acre (VA); Vale do Purus (VP); Vale do Juruá (VJ); Nove Zonas de Pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA); Assis Brasil (AB), Manuel Urbano (MU), Sena Madureira (SM); Cruzeiro do Sul (CS), Tarauacá (TC), Feijó (FJ); Dezoito Pontos de Inquéritos: RB = 1. Porto Acre (PA) e 2. Seringal Nova Califórnia (AC); PC = 3. Seringal Triunfo (ST) e 4. Porto de Plácido; XA = 5. Seringal Sibéria (SS) e 6. Porto de Xapuri (PX); AB = 7. Seringal Cascata e 8. Bairro Plácido de Castro; MU = 9. Bairro São Francisco e 10. Bairro Palheiral; SM = 11. Bairro São Francisco e 12. Porto de Sena; CS = 13. Bairro Miritizal 14. Porto do Buraco; TA = 15. Bairro da Praia e 16. Porto de Tarauacá; FE = 17. Porto de Feijó e 18. Bairro São Francisco, que correspondem, respectivamente, às nove zonas de pesquisa descritas no gráfico acima, em materiais e métodos.

4.1 – Amostragem das Cartas

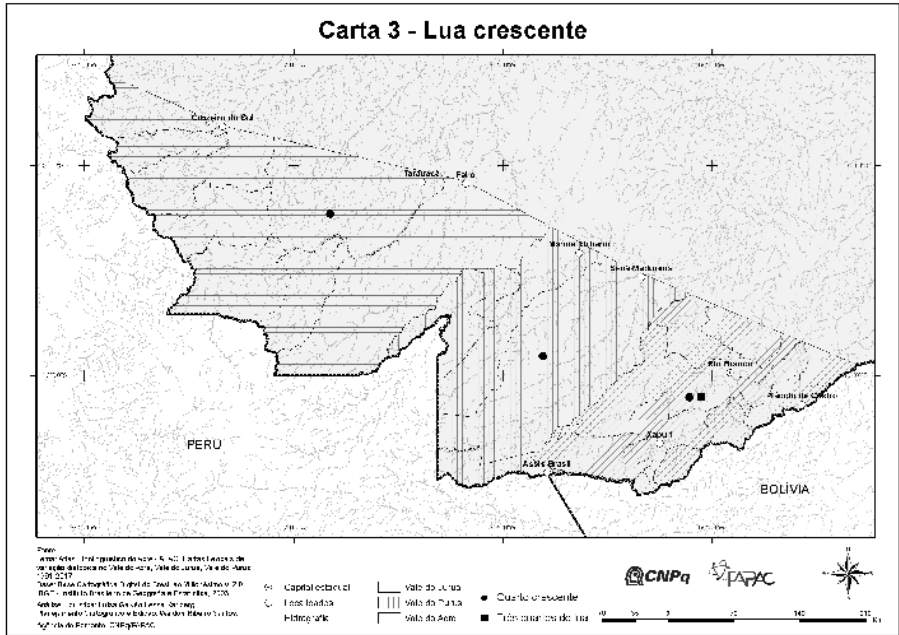
Carta 1 - Lua cheia



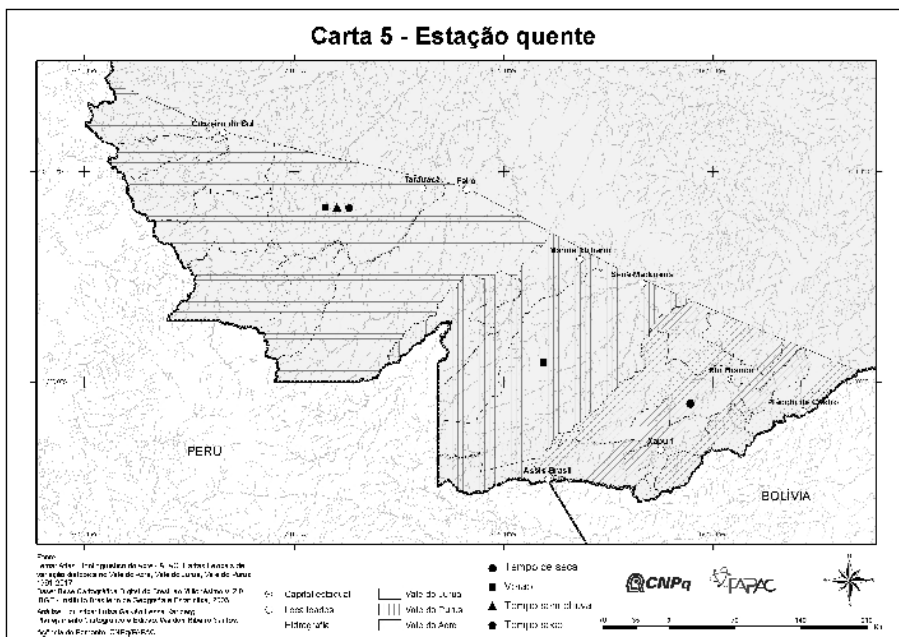
Carta 2 - Lua minguante



Carta 3 - Lua crescente



Carta 5 - Estação quente



4.2 – Leitura das Cartas

Carta 1 – Lua Cheia

Unidade linguística linguística: Lua cheia (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística linguística: Lua redonda (VP).

Lua grande (VJ).

Fronteiras lexicais: Lua redonda (VP)

Lua grande (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

Carta 2 – Lua Minguante

Unidade linguística: Quarto minguante (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Meia lua (VP, VJ).

Fronteira léxica: Meia lua (VP, VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

Carta 3 – Lua crescente

Unidade linguística linguística: quarto crescente (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: três quartos de lua (VA).

Fronteira lexical: três quartos de lua (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

Carta 5 – Estação quente

Unidade linguística linguística: verão (VP, VJ).

Diversidade linguística linguística: tempo seco (VA, VJ).

tempo sem chuva (VJ).

Fronteiras lexicais: tempo seco (VA, VJ).

tempo sem chuva (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

5 – CONCLUSÃO

No Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, ora publicado no formato e-book, é o zoneamento linguístico, cultural, econômico e social, traduzido pela linguagem da população regional, por meio das palavras e expressões que utilizam na vida. Significa dizer que são as palavras que traduzem o mundo em que vivem as pessoas, as atividades que exercitam, as crenças, os saberes, os costumes, as práticas sociais.

As variações linguísticas são decorrentes da diversidade cultural, do espaço geográfico em que residem essa população acreana e do trabalho que exercitam, da forma de viver e de estar no mundo. E, embora o mundo esteja no século XXI, aqui tanta gente não conhece a modernidade da vida atual, porquanto muitos vivem igualmente viviam seus pais e avós. Mesmo assim, embora muitas pessoas pratiquem uma mesma atividade econômica, ainda assim a linguagem não se apresenta uniforme nas três áreas da pesquisa. Existe uma nítida diferença entre uma faixa etária e outra, entre o sexo masculino e o sexo feminino, entre um ponto de inquérito e outro, entre as Zonas e Áreas de Pesquisa.

Em relação à unidade e à diversidade linguística da comunidade, observando as variações diatópicas, diastráticas e diafásicas, nota-se que o informante do sexo masculino apresenta traços mais conservadores na sua linguagem, sendo que entre os informantes do sexo feminino há uma clara distinção em relação àqueles da área do Acre, Juruá e Purus, talvez pelo fato de a mulher ser responsável por repassar os conhecimentos, costumes, através do tempo, aos filhos. As mulheres, embora estejam inteiradas das tarefas masculinas, são mais dedicadas aos afazeres domésticos. Logicamente, essa contextualização ganha um matiz peculiar na linguagem.

Compreende-se, pela pesquisa aqui apresentada, que o conhecimento humano passa pela língua e cada língua tem, para seu uso, uma gama de termos e expressões gerais e de generalidades que se estende para a fala diária. Esta é, no entanto, mesclada de mutabilidades que revelam o dinamismo a que toda língua viva está sujeita. Ora, o que é dinâmico não pode ser estável. No entanto, a língua se apresenta como um paradoxo - imutabilidade dinâmica, sujeita a modificações.

A mutabilidade da língua se manifesta nas variações regionais da fala que, dentro do arcabouço imutável, apresenta variantes contínuas. São variações que se manifestam no aspecto fônico, morfológico ou sintático e, de modo mais acentuado no lexical e semântico.

É a “lei do menor esforço”, ou melhor, a economia linguística provoca as

mutações que se processam de modo lento e persistente, criando as variações na linguagem, o regionalismo, o dialeto acreano.

Diz-se nesta notícia da publicação do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, que se os registros de um atlas permitem visualizar a distribuição espacial das variantes linguísticas, por outro lado levam a conjecturas sobre as condições de aparecimento ou não de dados fenômenos. Isso porque as cartas linguísticas não são representações opacas da realidade, cujos registros se esgotam em si, mas se oferecem em sua dupla feição como registros da história das pessoas desta região amazônica. Trata-se, portanto, de uma dupla realização: a) do espaço e das rotas ou trajetos entre os pontos; b) da sociedade e das projeções que os dados acionam no interior das variáveis extralinguísticas.

Concluindo, por agora, independente dos questionamentos que se façam, a língua portuguesa viva e sã floresce no Acre, e se assume não apenas na sua literatura cada dia mais forte, mas na voz a ser ouvida de cada acreano, qualquer que seja a região geográfica (Acre, Juruá, Purus) ou classe social. Com este Atlas – ALAC, reforça-se a língua portuguesa no Estado do Acre, com traços lusitanos, africanos e indígenas. São dados que irão se somar aqueles já coletados em outras localidades do imenso Brasil.

6 – REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de & MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. **Atlas linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

_____. **Atlas linguístico da Paraíba**. Cartas léxicas e fonéticas, Brasília, CNPq/UFPB: 1984.

BALBI, A., 1826, **Atlas ethnographique du globe**, Paris, [s.ed.].

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística no Brasil**, São Paulo, Ática: 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico do Brasil: um projeto nacional para conhecimento do português brasileiro**. In: GÄRTNER, Eberhard et al. (eds.).

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. 2ª Edição, Coleção

linguagem 16, Rio de Janeiro, Presença: 1987, p. 79-116.

CUNHA, C. F. da. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FERREIRA, C.; et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe: 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota. **Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos**.

In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e*

perspectivas. Londrina. Ed. UEL: 1998, p.15-29.

GILLIÉRON, J. EDMONT, E. **Atlas linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Champion, 1902-1910.

LESSA, Luisa Galvão. **Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência**. Tese de Doutorado, UFRF, Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Termos e expressões populares do Acre**. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro: 1985.

_____. **A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo – Vol. I**, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 286p.

_____. **A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Cruzeiro do Sul**, Vol. I, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 258, ano: 1998.

_____. **A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Zona de Tarauacá – Vol. II**, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro, 2008, 243 p, ano: 1998.

_____. **Aspectos da língua portuguesa no Estado do Acre**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2013, p.122-133.

_____. **Esboço de Cartas Léxicas do Atlas Etnolingüístico do Acre**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.98-107.

_____. **Conservantismo e inovação na linguagem do Estado do Acre**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2010, p.90-102.

_____. **Traços de unidade e diversidade linguística no ALAC**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.102-117.

----- . Cartas dialetais do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.102-117.

_____. **Cartas lexicais do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.112-127.

_____. **A linguagem jurídica no cotidiano da vida brasileira.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2018, p.110-123.

_____. **Lendas acreanas.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p. 94-116. Gradação e anáfora na construção dos Contos de Robélia de Souza. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.76-91.

_____. **Conservantismo e inovação na linguagem do Estado do Acre.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2010, p.90-102.

_____. **Aspectos da unidade e diversidade lexical no atlas etnolinguístico do Acre–ALAC.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.78-98.

_____. **Aspectos da língua portuguesa no estado do Acre.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.102-120.

_____. **Cartas dialetais do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p.102-117.

_____. **A linguagem jurídica no cotidiano da vida brasileira.** Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2018, p.110-123.

SILVA-CORVALÁN, C. 1994. **Language contact and change: Spanish in Los Angeles.** (Oxford Studies in Language Contact). Oxford: Clarendon Press: 1998.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros.** In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). Documentos 2 : *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil.* Salvador: Quarteto, 2006. p.15-34.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol.II, Rio de Janeiro: 1961.